Dia 3 — Santa Cunegundes, Imperatriz, Viúva e Virgem

Santa Cunegundes, filha de Sifrido ou Sigefrido, senhor palatino do Reno, primeiro conde de Luxemburgo, e de Heswigis, senhora de uma das maiores casas da Alemanha, saiu à luz do mundo pelo fim do décimo século, e correspondeu sua educação à altura de seu nascimento e à piedade de seus pais. Quase desde o berço começaram a brilhar as belas prendas de que o céu a havia dotado, servindo sua rara formosura e a vivacidade de seu engenho de maior resplendor à sua singular modéstia. Mamou com o leite uma terníssima devoção à santíssima Virgem, e com esta devoção se lhe pegou aquele ardente amor que conservou toda a vida à castidade.

O aplauso universal e a geral estima que ganharam as prendas de Cunegundes acenderam a inclinação e esporearam as diligências dos maiores senhores para pretendê-la. Foi por fim outorgada a Henrique, duque da Baviera, que, depois de morto o imperador Otão III, foi eleito e proclamado rei dos romanos e coroado em Mogúncia no dia 6 de junho do ano 1002; e dois meses depois Santa Cunegundes foi coroada rainha em Paderborn, cujas igrejas enriqueceu liberalmente com preciosíssimos dons.

Haviam nascido uma para a outra aquelas duas grandes almas; e, sendo o matrimônio tão igual, não podia deixar de ser o mais feliz. Raras vezes se tem oferecido aos olhos e à veneração do mundo virtude mais heroica neste estado. Prevenidos os dois castos esposos com aquelas graças especiais que estão destinadas a fazer os maiores santos, convieram reciprocamente, no primeiro dia das bodas, em guardar perpétua castidade, consagrando a Deus sua pureza. Encantou ao céu uma virtude tão rara e tão heroica. Estimulada por sua parte a liberalidade do Senhor, derramou a mãos cheias os mais singulares favores sobre aquelas almas privilegiadas. São fáceis de compreender os maravilhosos progressos que fariam desde então no caminho da perfeição e qual seria sua corte reinando tais príncipes.

Resolvido o imperador Henrique a passar a Roma para receber a coroa imperial da mão do papa Bento VIII, quis que o acompanhasse nesta viagem sua esposa Cunegundes, para que ela também recebesse da mesma mão a coroa de imperatriz. Não há vozes para expressar os grandes exemplos de virtude que iam espalhando por todas as partes estes dois insignes modelos da perfeição cristã.

Almas tão puras e tão heroicamente superiores às misérias da condição humana, claro está que só haviam de empregar o amor conjugal em excitar-se reciprocamente à piedade e ao exercício de boas obras correspondentes a seu estado. Cunegundes era a mãe dos pobres; e, como nunca havia dado entrada àquelas vãs diversões nem àquela perpétua cadeia de frívolos passatempos que constituem toda a ocupação dos palacianos e cortesãos, dedicava inteiramente o tempo ao

exercício das obras de misericórdia.

Muitos anos haviam passado Henrique e Cunegundes naquela perfeita união que forma a caridade, que estreita a conformidade de pareceres e de inclinação, que aperfeiçoa a virtude. O espírito de Deus, que igualmente os animava, fazia em um e em outro iguais impressões; era uma mesma a inclinação a tudo o que é bom; era uma mesma a aversão a tudo o que é mau; era um mesmo o zelo, um mesmo o gosto que tomavam em todas as obras de devoção, quando o inimigo comum da salvação do gênero humano, que não podia sofrer tão rara e tão heroica virtude em meio de uma corte, moveu todas as suas máquinas para derrubá-la, ou ao menos para obscurecê-la.

Atreveu-se o espírito da maledicência e da calúnia à fidelidade e à pureza da santa imperatriz e achou fresta para introduzir no peito do santo imperador a apreensão ou a suspeita; porque permitiu o céu que se deixasse preocupar, para acrisolar mais a virtude de Cunegundes. O anseio com que a santa desejava humilhações fê-la aceitar de pronto com alegria a que lhe proporcionava tão negra calúnia. Já seu silêncio e sua resignação confirmavam, ao que parecia, os receios, quando lhe representaram a obrigação em que estava de exonerar-se do escândalo dos povos a quem devia o exemplo de uma vida irrepreensível. Cheia de segura confiança naquele que a um mesmo tempo era protetor e testemunha de sua virgindade, ofereceu justificar-se submetendo-se à prova do fogo, autorizada então pelas leis e costumes do país, para demonstrar sua inocência.

Aquele grande Deus, que só havia permitido que fosse exposta sua fidelíssima serva a tão sensível prova para purificar sua virtude e para tornar público o raro exemplo de virgindade que tinha oculto a heroica virtude dos dois santos esposos, declarou a inocência da imperatriz com um milagre. Andou Cunegundes de pés descalços por barras acesas sem receber lesão alguma. Conheceu o mundo o mérito de sua pureza; e o imperador, condenando sua nímia credulidade, não perdoou a meio nem a diligência para reparar a injúria que havia feito a sua castíssima esposa, ou a facilidade de seu gênio, ou a excessiva delicadeza de seu pundonor. Desde então se estreitou mais o casto nó que docemente os unia. Convieram ambos em edificar, em nome e a expensas comuns, a catedral de Bamberg com magnificência verdadeiramente imperial. A imperatriz, por si só, foi fundadora do célebre mosteiro de beneditinos que, com o nome de São Miguel, foi adorno e exemplo da mesma cidade; e pouco tempo depois fundou ali mesmo outro segundo, com a invocação de Santo Estêvão; sendo muito contadas as cidades da Alemanha onde não deixasse religiosos monumentos de sua singular piedade.

Acometeu-a uma enfermidade perigosa e, logo que saiu dela, em ação de graças fundou outro terceiro mosteiro de monjas beneditinas, com o título de Santa Cruz, dotando-o com uma magnificência digna de tão grande princesa.

Sucedeu a morte do imperador no ano de 1024, e nela sentiu a santa imperatriz a mais viva e mais penetrante dor; tanto, que foi mister toda a sua virtude para não render-se à força do sentimento. Livre já de quanto podia aprisionar seu coração na terra, só almejou o retiro para dedicar todo o seu espírito ao céu.

No mesmo dia em que se celebrava o aniversário da morte de seu bem-aventurado esposo, convocou grande número de prelados para celebrar a dedicação da igreja que havia edificado a suas imperiais expensas em seu muito amado mosteiro de Kaffungen. Assistiu à cerimônia

adornada de ostentosas galas e revestida de suas insígnias imperiais. Concluído o evangelho da missa, aproximou-se do altar-mor e ofereceu um pedaço do *lignum crucis* primorosamente engastado num riquíssimo relicário; despojou-se depois da púrpura e vestiu um hábito de religiosa, de cor roxa, que ela mesma havia cosido com suas mãos e que mandara que lhe benzessem os bispos. Cortou os cabelos, que se guardaram no mosteiro como preciosa relíquia; lançou-lhe o véu sobre a cabeça o bispo de Paderborn e entregou-lhe um anel em prendas de seu desposório com o Esposo celestial. Acabada a cerimônia da profissão religiosa, aquela puríssima heroína, à vista de toda a grandeza da corte e de imenso gentio que se desfazia em lágrimas, entrou com desembaraço no mosteiro, onde passou encerrada os quinze últimos anos de sua vida, entregando-se unicamente ao exercício das mais sublimes e mais heroicas virtudes.

Viveu ali sem que nada a distinguisse nunca das demais religiosas, submissa a todas as suas irmãs, olhando-as a todas como se fossem suas superioras. Não parecia possível humildade mais profunda nem mais sincera; obediência mais perfeita nem mais simples. Embora as religiosas estivessem igualmente confusas e mortificadas ao ver uma princesa tão grande dedicada com tanto gosto aos ofícios mais penosos da religião, era preciso condescender com as ansiosas instâncias de seu humildíssimo gênio e dar-lhe licença para que não se empregasse em outros.

As horas que não a ocupavam outras obrigações mais essenciais, já se sabia que todas se haviam de dar à oração ou à assistência das enfermas. Sua admirável doçura, sua serenidade inalterável, sua devoção e sua modéstia avivavam o fervor em todas as religiosas. Era extrema sua mortificação, aproximando-se do limite do excessivo, e vivia ao que parecia por milagre. Por fim, a natureza se deu por entendida; e foi necessário ceder à suma debilidade a que a reduziram suas rigorosas penitências e suas contínuas vigílias. Recebeu os últimos sacramentos da Igreja com aquela terna devoção e com aqueles consolos interiores que Jesus Cristo tem reservados como de justiça para suas dignas esposas. Logo que se reconheceu e se divulgou o perigo de perder aquele inestimável tesouro, não só em todo o mosteiro, mas em toda a cidade de Kassel, não se ouviam senão suspiros, soluços, lágrimas e rogativas ao céu pela saúde da santa; mas já era chegado o tempo de que fosse receber o prêmio de suas heroicas virtudes e tomar posse do elevado grau de glória onde são colocadas as santas virgens. Poucos momentos antes de expirar, reparou que andavam as monjas dispondo seu rico pano negro bordado de ouro para adornar o féretro onde havia de expor-se seu cadáver. Afligiu-se tanto de que, depois de morta, quisessem tratar como imperatriz a que havia vivido e estava para morrer como pobre religiosa que, transtornado repentinamente seu aprazibilíssimo semblante, não se serenou até que lhe deram palavra de que seria enterrada sem a menor distinção, como todas as demais. Morreu no dia três de março do ano 1040; e, conduzido seu santo corpo a Bamberg, honrou-a Deus com a glória dos milagres depois de morta, como o havia feito quando viva. Cento e sessenta anos depois, isto é, em 1200, pô-la no catálogo dos santos, com a solenidade costumada, o papa Inocêncio III.

Missa (oração)

A missa do dia é da dominica precedente, e a oração que se acha nas Atas antigas da vida de Santa Cunegundes é como segue.

> **Latim:** *Deus, qui inter cetera mirabilia opera tua, sanctam Cunegundam virginem in omni statu præcellenti virtutum decore redimitam, in tantum sublimasti, ut in matrimonio florem virgineæ castitatis non amitteret, et in viduitate habitu religionis assumpto, per sanctimoniam vitæ nobis exemplar totius sanctitatis redderet: concede propitius, ut quam digne laudare cupimus, suis intercedentibus meritis, ad imitandum vitæ ejus exempla pro nostra infirmitate roboremur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que entre as demais maravilhas de vosso poder fizestes tão sobressalente, em todo gênero de virtudes e em todo gênero de estados, a vossa serva a santa virgem Cunegundes, que mesmo no matrimônio não perdeu a bela flor da virgindade e, na viuvez, tomando o hábito de religiosa, foi para todos brilhante exemplar de toda perfeição pela santidade de sua vida, concedei-nos, por seus merecimentos, que nos alentemos, segundo nossa fraqueza, a imitar os assombrosos exemplos daquela em cujos dignos louvores desejamos empregar-nos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios, capítulo 7.

1 Coríntios 7,7-11

> **Latim:** 7 Volo enim omnes vos esse sicut meipsum : sed unusquisque proprium donum habet ex Deo : alius quidem sic, alius vero sic. 8 Dico autem non nuptis, et viduis : bonum est illis si sic permaneant, sicut et ego. 9 Quod si non se continent, nubant. Melius est enim nubere, quam uri. 10 Iis autem qui matrimonio juncti sunt, præcipio non ego, sed Dominus, uxorem a viro non discedere : 11 quod si discesserit, manere innuptam, aut viro suo reconciliari. Et vir uxorem non dimittat.

Português: 7 Porque quero que todos vós sejais taes, como eu mesmo: porém cada hum tem de Deos seu proprio dom: huns na verdade d'huma sorte, e outros d'outra. 8 Digo tambem aos solteiros, e ás viúvas: que lhes he bom se permanecerem assim, como tambem eu. 9 Mas se não tem dom de continencia, casem-se. Porque melhor he casar-se, do que abrazar-se. 10 Mas áquelles que estão unidos em matrimonio, mando, não eu, senão o Senhor, que a mulher se não separe do marido: 11 e se ella se separar, que fique sem casar, ou que faça paz com seu marido. E o marido tão pouco deixe a sua mulher.

Nota

«Ao cabo de ano e meio que São Paulo esteve em Corinto, já logrou ver convertida à fé toda aquela populosa cidade. Dela passou à de Éfeso; e, entendendo ali as diferenças e divisões que começavam a suscitar-se entre os fiéis, viu-se obrigado a repreendê-los nesta primeira carta que lhes escreveu no ano 56 de Jesus Cristo.»

Reflexões

É a virgindade um dom preciosíssimo do céu. Oh, quantos ignoram o que vale este dom, e quão poucos são os que compreendem suas preciosidades! Sempre foi de grande veneração na Igreja o estado das virgens. Porventura há outro mais perfeito nem mais santo? Aquele eminente grau de glória que se lhes destina no céu; aquele seguir mais de perto o Cordeiro imaculado; aquele augusto título de esposas de Jesus Cristo, singularmente próprio do estado de virgem, fazem formar uma alta ideia deste privilegiadíssimo estado a quem tem o coração puro e o espírito cristão. Mas o homem animal não percebe o que é do espírito de Deus [^1]. Não será muito dizer que a herança, que a legítima destas almas tão especialmente distinguidas é o gostar as coisas espirituais mais sublimes, o experimentar as delícias mais puras, o penetrar os mistérios mais reservados. Que tranquilidade mais doce que a sua! Que céu mais sereno, que calma mais sossegada! É muito doce, é muito feliz uma vida pura para quem só estuda em dar gosto ao Esposo celestial. *Sed non omnes capiunt istud* [^2]: mas não é para todos o compreender esta ventura. Mas ai daqueles que por sua má correspondência se fizeram indignos de compreendê-la! A virgindade, sendo estado mais perfeito, é de puro conselho; mas a pureza, sendo necessária a todo cristão, é de rigoroso preceito em todos os estados. O apóstolo São Paulo desejava que todos fossem castos como ele: *Volo omnes vos esse sicut meipsum*. Mas para isso é mister castigar o corpo, sujeitá-lo, reduzi-lo à servidão, como ele o reduzia. Não se conserva esta formosa flor senão cercada de espinhos; um leve sopro, o vapor do alento basta para murchá-la. Pureza sem mortificação, não há que buscá-la. Se são poucos os matrimônios felizes, é porque são muito raros os matrimônios santos. São pouco cristãos os motivos, são pouco louváveis as disposições com que comumente se abraça um estado tão penoso e tão cheio de perigos para a salvação. Quando São Pedro chama os cristãos um povo escolhido, uma nação santa; quando São Paulo diz que Jesus Cristo quis que sua Igreja fosse sem mancha e sem ruga, um e outro compreenderam nela os casados. Assim como a Igreja está sujeita a Jesus Cristo, diz o apóstolo, assim as mulheres devem estar em todas as coisas a seus maridos; mas também os maridos devem amar a suas mulheres como Jesus Cristo ama a sua Igreja. Que belas comparações, que símiles tão significativos e que lições tão vergonhosas para tantos maus casados! Que quer dizer essa má inteligência, essa antipatia de caráter, essa oposição de gênio, essa contrariedade de pareceres, que engendram a aversão e talvez uma guerra declarada entre aqueles cujos corações deveriam estar tão estreitamente unidos? Que significam esses divórcios, essas separações tão frequentes hoje entre duas pessoas que juntou o mesmo Deus? E depois disto, admirar-nos-emos das desgraças que

inundam as famílias? E depois disto, admirar-nos-emos de ver tantos filhos mal criados? E depois disto, admirar-nos-emos de que sejam tantos os que se condenam no mundo? Certamente mais nos deveria admirar se sucedesse o contrário.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Mateus.

Mateus 11,12-15

> **Latim:** 12 A diebus autem Joannis Baptistæ usque nunc, regnum cælorum vim patitur, et violenti rapiunt illud. 13 Omnes enim prophetæ et lex usque ad Joannem prophetaverunt : 14 et si vultis recipere, ipse est Elias, qui venturus est. 15 Qui habet aures audiendi, audiat.

Português: 12 E dés dos dias de João Baptista atégora, o reino dos ceos padece força, e os que fazem violencia, são os que o arrebatao. 13 Porque todos os profetas e a lei até João profetizarão: 14 e se vós o quereis bem compreender, elle mesmo he o Elias que ha de vir. 15 O que tem ouvidos de ouvir, ouça.

Meditação

Da violência que todos devem fazer-se para salvar-se

Primeiro ponto

Considera que o Salvador nem exagerou nem ponderou mais do que o justo a moral de seu Evangelho quando assegurou que o reino dos céus padece força e que somente os que usam de violência o conquistam. Com efeito, as dificuldades da salvação são reais e efetivas; o caminho é muito estreito, tudo está coberto de inimigos e quase a cada passo se tropeça com um estorvo. Se foi mister que Jesus Cristo padecesse para entrar em sua glória, quem pode racionalmente prometer-se entrar nela sem padecer?

Que significam tantas figuras, tantas parábolas, todas tão expressivas, de que se vale o Salvador para fazer-nos conceber uma ideia cabal da dificuldade da salvação? Umas vezes o reino dos céus é um convite geral, a que todo o mundo é convidado sem exceção de pessoas; mas a ninguém se admite desculpa alguma, nem ocupações, nem atenções, nem diversões combinadas. Outras é

uma guerra sangrenta; e nela, quantas batalhas se hão de apresentar, quantos ataques se hão de resistir, quantos trabalhos se hão de tolerar para chegar a vencer! Outras é um edifício sólido e maciço, que é mister levantar a toda a custa; outras é um magnífico palácio, cujo fundamento e pedra angular é o mesmo Filho de Deus. Mas que gastos, que fadigas há de custar o acabá-lo! Quão unidas, quão ajustadas, quão lisas, quão polidas hão de estar todas as pedras que o compõem! Se é a dracma perdida, é necessário mover e remover de alto a baixo todos os trastes, todos os móveis da casa para encontrá-la; se é uma renda que se deu em arrendamento, pede-se estreitíssima conta ao arrendatário; se é uma preciosa pérola, há de se vender tudo o mais para comprá-la; se é uma herança que Jesus Cristo deixa a seus escolhidos, não se pode tomar posse dela senão por meio da cruz; enfim, se são as virgens que esperam o Esposo, ó bom Deus, que desvelos, que vigilância, que providências, que prevenções para não se acharem depois desairadas! Que pureza de alma e corpo, que rendimento de espírito, que mortificação contínua de paixões e de sentidos, que abnegação de si mesmo! Esta é a lei, esta é a religião, este é o único caminho que leva ao céu. Não somente não há salvação fora da religião de Jesus Cristo, mas tampouco a há dentro da mesma religião senão pelo caminho que o mesmo Jesus Cristo nos deixou assinalado. Agora pergunto: as regras que sigo, o caminho por onde ando e as máximas que observo são as de Jesus Cristo?

Segundo ponto

Considera que, para compreender bem o muito que é mister combater e o muito que necessariamente há de custar a vitória em ponto de salvação, não há mais que conhecer o que é nossa religião e o que é o coração humano. Mas isto bastante bem o sabemos por nossa própria experiência. Mas quando há de chegar o tempo de que discorramos como prudentes e como racionais sobre dois princípios tão conhecidos!

O negócio da salvação é um negócio árduo, espinhoso, delicado. Quanto tempo dedicamos a este importantíssimo negócio? Nele tudo são perigos, tudo laços; apenas há abrigo; não há segurança alguma; até a mesma calma é suspeita. Nós mesmos somos nossa maior tentação; nosso próprio coração nos vende, e do fundo dele nascem as mais furiosas tempestades; os maus exemplos engrossam em torrentes, a corrupção geral mal assusta a ninguém. Que se há de inferir de tudo isto senão que é preciso ter continuamente as armas na mão, que é mister estar fazendo-se uma perpétua violência? Mas faz-se esta quando nada se nega nem aos desejos nem aos sentidos? O regalo, a moleza, o desenfreio, a licença de costumes, nomes desconhecidos aos primeiros fiéis, é o que reina hoje entre os cristãos; e, com tudo isso, estes cristãos professam a mesma fé, seguem o mesmo Evangelho que aqueles primeiros fiéis.

Já não se olham as cruzes como benefícios, mas como molestas adversidades. Que vigor têm hoje entre os mundanos as indispensáveis leis da penitência? Reina a pureza de costumes em todas as idades e em todos os estados? Que diligências se fazem para entrar no céu? Que esforços? Que violência? Que maravilha seria, ó bom Deus, se com uma vida tão contrária a todas as vossas máximas se salvassem os que assim vivem!

Considera a conduta de todos os santos. Olha como viveu no estado do matrimônio, e entre os perigos de uma corte, de um palácio e de um diadema imperial, Santa Cunegundes. Se estas grandes almas nem sempre são modelos que devam servir à imitação de todos, sempre são exemplos que confundem os vãos pretextos de muitos e que condenam a indevoção e a delicadeza da maior parte das gentes do mundo. Não há santo no céu que não se fizesse uma contínua violência. Por estes sinais poderás tu prognosticar que serás santo?

Não permitais, Senhor, que faça inutilmente umas reflexões tão vivas como apertantes. Conheço, compreendo, palpo, que é preciso fazer os últimos esforços para entrar no céu, que o caminho é pouco frequentado, que a porta é estreita; mas, ainda que fosse mister sacrificar tudo, ainda que fosse mister fazermo-nos ainda mais violência, confio tanto nos poderosos auxílios de vossa graça que estou resolvido a fazer quanto haja que fazer e sofrer quanto haja que sofrer para salvar-me.

Jaculatórias

> *Quam angusta porta, et arcta via est quæ ducit ad vitam!* Mt 7.

Que estreita é a porta, que apertado é o caminho que leva à vida eterna!

> *Confige timore tuo carnes meas, a judiciis enim tuis timui.* Sl 118.

Penetrai, Senhor, minha alma e até meu corpo com vosso santo temor, para que evite com a penitência o terrível rigor de vosso juízo.

Propósitos

1. Todos confessam que o negócio da salvação é muito dificultoso; e, com tudo isso, todos vivem como se fosse muito fácil. Custa muito ir ao céu; nenhum santo deixou de caminhar pela vereda estreita, nenhum deixou de levar a cruz, nenhum deixou de mortificar suas paixões, nenhum deixou de merecer o céu pela penitência. Conhece-se, convém-se na verdade de todas estas proposições; mas os que passam a vida no regalo e na ociosidade, aquelas pessoas que se alimentam das diversões, aqueles que ao só nome de jejum, de abstinência e de mortificação se assustam e se estremecem, trabalham estes seriamente no negócio de sua salvação? Trabalhas tu mesmo com maior seriedade quando vives como eles vivem? Isto é o que deves examinar hoje, não com exame especulativo, mas prático. O caminho que leva à vida é estreito; e dize-me, o que tu segues não é muito largo? Quantos freios dás a tuas inclinações? Que resistências fazes a essa veemente propensão a divertir-te? Quantas vitórias tens conseguido de tuas paixões e de teu

gênio? Segues com todo o rigor a quaresma? Observas religiosamente a abstinência e o jejum? Ou não é certo que, com os vãos pretextos de delicadeza de compleição e de falta de saúde, trapaceias o preceito da Igreja? Não tens nada que reformar, nem na profanidade do traje, nem na vã ostentação de teus preciosos móveis, nem em tuas diversões, nem em teus costumes? Não te deixas arrastar do mau exemplo? Imitas em tudo o exemplo dos bons e vives regulado pelas máximas do Evangelho? Ea, deixa-te de reflexões superficiais e estéreis; não te contentes com dizer: ai, este é meu retrato, não há traço nele que não me represente; acrescenta, sem diferi-lo um momento: é mister emendar-me. Hoje hei de jejuar rigorosamente; desde agora me despeço para sempre de tais jogos, de tais festas, de tais visitas, de tais cortejos, de tais diversões; acabaram-se já para mim tais e tais concorrências; e desde este mesmo momento quero entabular uma vida regular e cristã.

2. Mas não basta evitar o mau; é mister que não deixes passar o dia sem fazer alguma obra boa. Poucas mulheres haverá no mundo que não tenham muito que reformar em seus adornos; poucos destes há onde não se encontrem coisas supérfluas. Reparte entre os pobres o que pouparares destas superfluidades; gasta na igreja parte do tempo que havias de perder inutilmente nas visitas, na comédia e no jogo. Lê a vida do santo ou santa do dia. Vela um pouco mais sobre teus filhos e sobre teus criados. Se és pessoa retirada, se tens a dita de viver no estado religioso, examina cuidadosamente como cumpres com tuas gravíssimas obrigações; vê se vives segundo o espírito de teu instituto. Reforma desde logo esses modos tão secularizados, essa excessiva inclinação a sair de casa, essa perpétua alternativa de tibieza e de fervor, essas aversões ou antipatias, e também essas amizades particulares, essas benignas interpretações da regra, essas frívolas dispensas. Oh, quão dignas de compaixão serão as pessoas que lerem isto, se o lerem sem emenda e sem fruto!

São Emetério e Celedônio, Mártires

Tem sido tão grande o ódio dos tiranos contra os discípulos de Jesus Cristo que, não contentes com provar sua constância na fé com os mais horríveis e requintados tormentos que pôde inventar a malícia, proibiram também muitas vezes que se escrevessem suas gloriosas ações, já para que não se perpetuasse na memória dos homens a bárbara crueldade com que os atormentavam, já para que os mesmos cristãos não tivessem à vista uns exemplares que deviam excitá-los ao martírio. E, ainda que a piedade e diligência dos cristãos não deixavam de conservar e recolher com o maior cuidado as relíquias e sagrados despojos dos mártires, que era o que mais lhes importava, tampouco se esqueciam outros de escrever as atas de seus martírios, o processo que se lhes formava, os tormentos que padeciam e os prodígios que em comprovação de sua santidade e fé operava com eles o Todo-Poderoso.

Sabemos que se escreveram por extenso todas as circunstâncias do martírio dos santos irmãos Emetério e Celedônio; mas o tirano que os sentenciou à morte mandou, segundo diz Prudêncio, que se entregasse às chamas o que se encontrasse escrito acerca destes santos. Por esta razão é muito pouco o que com certeza se pode assegurar, tanto da pátria e qualidade como dos tormentos e perseguição que padeceram até a morte estes gloriosos e célebres mártires de Jesus

Cristo. Diz-se que foram naturais de Leão e filhos de São Marcelo, que era de família muito ilustre e à sazão era capitão da legião romana que havia naquela cidade. A exemplo de seu pai seguiram também os dois filhos a carreira das armas, portando-se nela como verdadeiros cristãos, obedecendo inteiramente a seus chefes, enquanto não era contrário às leis da religião que professavam, e servindo ao César sem desagradar a Deus.

Haviam já militado muito tempo sob as bandeiras do imperador quando, sabendo que se acendia uma cruel perseguição na Espanha contra o nome cristão, não podendo sofrer que fosse perseguida a religião que haviam mamado com o leite, sendo a única verdadeira e divina, acenderam-se em vivíssimos desejos de pelejar animosos por ela até dar a vida em sua defesa. Não haviam chegado a Leão os editos imperiais, mas sabiam haver-se publicado em Calahorra, onde se achava o procônsul, e que ali eram buscados os cristãos com requintada diligência para obrigá-los a que sacrificassem aos ídolos e renunciassem o nome e as obras de cristãos.

Vamos, pois, dizia São Emetério a seu irmão Celedônio: «vamos em busca do inimigo, onde quer que se encontre. Já faz muito tempo que militamos sob as bandeiras mundanas; e em seu serviço ou nos consome o ócio ou a fadiga nos proporciona somente um prêmio perecível e caduco. Sigamos já as bandeiras triunfantes do verdadeiro e único imperador do céu e da terra. Agora se declara uma guerra cruel contra nossa fé, e esta é sem dúvida a melhor ocasião de fazer grandes ações e ascender a um posto mais elevado. Vamos ser soldados bisonhos na milícia do céu, nós que já somos veteranos na da terra. Sejam nossas ardentes palavras dardos penetrantes com que triunfemos do inimigo; seja o escudo da fé o que fortaleça nosso peito intrépido contra as astúcias inimigas. Vamos animosos a morrer por Jesus Cristo.»

Assim exortava São Emetério a seu irmão Celedônio; e este, não menos resoluto a entrar no mesmo combate, respondeu-lhe nestes termos: «Pois em que te deténs? Duvidas acaso se me terás por companheiro em tão ditosa sorte? Depois que temos vivido juntos tanto tempo e podes ter bem conhecidos meus desejos, parece-te que necessito eu de tuas persuasões para acompanhar-te pelo único e verdadeiro caminho da glória? Pois bem, deixemos logo as insígnias e as armas do império e vamos buscar o cruel inimigo da fé onde quer que se achar.» Assim se animaram mutuamente os santos irmãos e, renunciando ao serviço do imperador e a quantas vantagens podiam esperar na milícia, encaminharam-se à cidade de Calahorra, onde era mais forte a perseguição, e, sem medo aos imperiais editos, pregaram livremente a Jesus Cristo, repreendendo ao mesmo tempo a cega superstição dos pagãos.

Não foi mister mais para que logo fossem mandados prender num escuro cárcere. É indizível o gozo que sentiram os valorosos soldados, vendo que sem dúvida aprovava o céu sua resolução generosa, quando os fazia dignos de padecer por Jesus Cristo. Os que antes se animavam mutuamente para buscar o martírio, agora reiteravam com maior eficácia suas santas exortações e se acendiam mais no amor divino, à medida que se sentiam confortados por ele em meio de seus tormentos. Em vão foi tentada sua constância várias vezes pelos pagãos, que esperavam lograr um grande triunfo reduzindo os dois generosos soldados ao culto de seus deuses; pois os que haviam desertado da milícia do mundo para servir na do céu estavam bem persuadidos de que não eram comparáveis as honras e prêmios que pudessem lograr na terra com os que Jesus Cristo lhes tinha preparados em sua glória. Resolvidos a padecer quanto pudesse inventar contra eles a crueldade

dos tiranos, não os atemorizavam as ameaças de haver de lutar com as feras, ou de haver de sofrer crudelíssimos açoites, ou ser provados pelo fogo, ou oferecer a cerviz ao cutelo: era-lhes indiferente qualquer gênero de morte, e não sentiam os tormentos senão porque se lhes retardava o logro de seus ardentes desejos.

Assegura o célebre poeta Prudêncio que padeceram incríveis tormentos na prisão, depois de haver estado sempre nela carregados de ferros e cadeias; mas queixa-se com razão de que a perfídia dos tiranos não permitiu, por não se ver envergonhada, que se conservassem os monumentos de seu martírio e dos prodígios que o Senhor operou com os santos mártires durante sua longa prisão. Mas, tendo sido inúteis para vencer sua constância quantos ardis pôde inventar a raiva dos pagãos, foram por último sentenciados à morte pelo procônsul romano que governava em Calahorra. Esta notícia encheu de indizível alegria os generosos soldados, que já esperavam por momentos o feliz instante que os ia unir para sempre com seu Deus. Tiraram-nos do cárcere e conduziram-nos, entre inumerável povo, às margens do rio Arnedo, onde deviam ser degolados. Já estavam no lugar do suplício quando São Emetério lançou ao ar o anel que tinha na mão e Celedônio um lenço ou pano, que, à vista do inumerável concurso, foram elevando-se para o céu até perder-se de vista. Este prodígio não esperado encheu de admiração e pasmo não só os circunstantes, mas até o próprio algoz, que ia já descarregar o golpe mortal sobre os mártires, os quais, instruídos por esta maravilha do caminho que deviam seguir suas almas e de que o céu visivelmente havia aceitado seus dons, esperavam com ânsia o último momento. Foram por fim degolados ali mesmo, e seus corpos sepultados perto do dito rio, onde se crê que permaneceram muito tempo, até que, finalizada a perseguição, foram achados e descobertos, e hoje se conservam na catedral de Calahorra, sendo tidos e venerados por principais patronos de toda a diocese, na qual se celebra sua festa com a maior solenidade e devoção. Em todos os domínios da Espanha celebra-se também seu dia com ofício eclesiástico de rito duplo, e insere-se nele grande parte do elogio que fez destes santos mártires o poeta Prudêncio.

Diz-se que as cabeças dos dois santos foram achadas, muito tempo depois de seu glorioso martírio, numa abadia perto de Santander, na montanha, e que antigamente se chamava este povoado porto de São Emetério. Também se crê que parte de suas sagradas relíquias se trasladou antigamente a Talarn, na Catalunha, de onde foram trasladadas a Cardona, no tempo do rei Martinho de Aragão, por seu almirante o conde de Cardona; mas em todas as partes tem operado o Senhor inumeráveis prodígios pela intercessão destes gloriosos mártires com todos quantos com verdadeira devoção os invocam.

Martirológio Romano

Em Cesareia da Palestina, São Marino, soldado, e São Astério, senador, martirizados na perseguição de Valeriano: o primeiro foi acusado por seus camaradas de que fazia profissão do cristianismo e, interrogado pelo juiz, confessou altamente que era cristão, por cuja causa foi decapitado e alcançou a coroa do martírio. Astério, tendo emprestado seus ombros e estendido sua capa para receber o corpo do mártir, logrou logo a mesma honra que tributava, sendo em seguida martirizado.

Na Espanha, os santos Emetério e Celedônio, soldados do exército acampado em Leão, cidade da Galícia [^3], os quais, tendo saído para Calahorra durante uma perseguição que se levantou contra os cristãos, depois de sofrer ali muitos tormentos pela confissão do nome de Jesus Cristo, foram coroados com o martírio.

No mesmo dia, o martírio dos santos Félix, Luciolo, Fortunato, Márcia e companheiros, como também o dos santos Cleônico, Eutrópio e Basilisco, soldados; os quais, na perseguição de Maximiano, sob o presidente Asclepíades, triunfaram felizmente padecendo o suplício da cruz.

Em Bréscia, Santo Ticiano, bispo e confessor.

Em Bamberg, Santa Cunegundes, imperatriz, que permaneceu virgem no matrimônio, consentindo-o seu marido o imperador Henrique I, e, repleta dos méritos de suas boas obras, morreu santamente, sendo depois de sua morte esclarecida em milagres.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui gloriosos martyres Hemeterium et Celedonium in tui nominis confessione roborasti; concede propitius, ut quorum corpora veneramur in terris, eorum aspectu perfruamur in cœlis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que destes fortaleza aos gloriosos mártires Emetério e Celedônio para confessar vosso santo nome, concedei-nos, piedosíssimo Senhor, que, pois veneramos na terra seus sagrados corpos, cheguemos a gozar também de sua companhia nos céus. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 da Sabedoria.

Sabedoria 3,1-8

> **Latim:** [1] Justorum autem animæ in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis. [2] Visi sunt oculis insipientium mori, et æstimata est afflictio exitus illorum, [3] et quod a nobis est iter exterminium ; illi autem sunt in pace : [4]

> etsi coram hominibus tormenta passi sunt, spes illorum immortalitate plena est. [5] In paucis vexati sunt, in multis bene disponentur, quoniam Deus tentavit eos, et invenit illos dignos se. [6] Tamquam aurum in fornace probavit illos, et quasi holocausti hostiam accepit illos, et in tempore erit respectus illorum. [7] Fulgebunt justi et tamquam scintillæ in arundineto discurrent. [8] Judicabunt nationes, et dominabuntur populis, et regnabit Dominus illorum in perpetuum.

Português: [1] Mas as almas dos justos estão na mão de Deus, e não os tocará o tormento da morte. [2] Pareceu aos olhos dos insensatos que morriam: E o seu trânsito foi reputado por aflição: [3] E a jornada que fazem separando-se de nós, extermínio: Mas êles estão em paz. [4] E se êles sofreram tormentos diante dos homens, a sua esperança está cheia de imortalidade. [5] Vexados em poucas coisas, em muitas lhes será bem retribuído: Porque Deus os tentou, e os achou dignos de si. [6] Ele os provou como ouro na fornalha, e os recebeu como uma hóstia de holocausto, e a seu tempo haverá dêles consideração. [7] Os justos resplandecerão, e como faiscas por um canavial discorrerão. [8] Êles julgarão as nações, dominarão os povos, e seu Senhor reinará para sempre.

Reflexões

As almas dos justos as tem Deus em sua mão. Que consolo poderá igualar a satisfação que engendra por si só esta sentença? Quem, senão os justos, poderão gloriar-se de um apoio tão forte, tão sólido, tão duradouro, tão inabalável? A mão de Deus, que é dizer aquela virtude infinita que tirou do nada os céus e a terra, aquele poder imenso a que não se encontra oposição nem resistência, aquela força e valor que prostra todo o poder dos assírios e anuvia num momento todo o resplendor de suas vitórias, aquele domínio onipotente que manda às ondas do mar Vermelho que se rompam e formem duas muralhas enquanto se salva o povo eleito, e que se juntem e submerjam o Faraó com todo o seu exército; a mão de Deus, que é a onipotência de Deus, inseparável de sua justiça, de sua bondade, de sua misericórdia e de todos os seus atributos, é o sítio, o castelo e o muro onde os justos se refugiam e onde colocam sua segurança e confiança.

Por isso estão seguros de que possa tocá-los o tormento da morte; não somente da morte eterna, que é a que temem os justos, mas da morte temporal, a qual olham com olhos distintos e com diferentes respeitos que a olham os ímpios. Para estes a morte é o maior dos males, e os tormentos que a acompanham o mais horroroso entre todas as misérias; para os justos é uma condição necessária para haver de gozar de seu Deus. Para os ímpios é o cúmulo das amarguras, porque os remorsos de sua consciência os despedaçam, porque seus delitos os condenam, porque a necessidade de deixar para sempre aquelas desventuradas delícias em que fixaram seu coração os devora, e porque a consideração de que vão ser julgados numa má causa os enche de turbação e de angústia. Mas os justos consideram a morte como um sono; a tranquilidade de sua consciência representa-lha como um descanso. Já vão ao tribunal onde se hão de examinar suas obras; mas sabem que estas são reguladas pelas leis de Deus; e ao juiz o olham com o caráter de seu pai e de seu amigo; sabem finalmente que, se se desfaz e desmorona a terrena habitação de

seu corpo, Deus lhes tem preparada uma casa eterna nos céus, que não está fabricada por mão de homens, como diz São Paulo [^4].

Por isso se enganam tanto os olhos carnais quando veem uma morte cercada, ao que parece, de tormentos; quando veem os justos destroçados no suplício pelos açoites, os cavaletes, os pentes de ferro, as espadas e os cutelos. Todos estes instrumentos de horror eram para os mártires de mais agradável aspecto que os manjares e as rosas; porque, embora na realidade padecessem tormentos diante dos homens, abrigavam em seu peito uma esperança imortal das eternas recompensas, que lhos fazia doces e até deliciosos. Conheciam que seus martírios eram umas provas que Deus fazia de sua fé e que delas resultavam purificados, refinados e acrisolados como o ouro, para recebê-los como holocausto agradável a seus divinos olhos, do qual só ele havia de participar, à diferença dos outros sacrifícios.

Mas ainda há mais razões de consolação para os esforçados soldados de Jesus Cristo, que chamam as divinas letras por excelência os justos. Sabiam que eram infalíveis as divinas promessas e sabiam quão magníficas eram estas a seu favor. Julgarão as nações e dominarão os povos, e não terão eternamente outro superior, outro presidente, outro rei que aquele Deus onipotente e eterno por quem derramaram seu sangue. Se os tiranos tivessem entendido estas sentenças, ter-se-iam atrevido a tingir suas mãos num sangue inocente? Mas que confusão a sua quando virem ser seus juízes aqueles mesmos a quem condenaram à morte ignominiosa com suas sentenças! Que confusão a sua quando olharem irrevogável aquela sentença que os condena por uma eternidade aos tormentos do abismo! Tal é a equidade com que trata os homens a justiça divina, e tal a recompensa com que premia e exalta Deus os que dão verdadeiras mostras de amá-lo nesta vida.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São Lucas.

Lucas 21,9-19

> **Latim:** 9 Cum autem audieritis prælia et seditiones, nolite terreri : oportet primum hæc fieri, sed nondum statim finis. 10 Tunc dicebat illis : Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum. 11 Et terræmotus magni erunt per loca, et pestilentiæ, et fames, terroresque de cælo, et signa magna erunt. 12 Sed ante hæc omnia injicient vobis manus suas, et persequentur tradentes in synagogas et custodias, trahentes ad reges et præsides propter nomen meum : 13 continget autem vobis in testimonium. 14 Ponite ergo in cordibus vestris non præmeditari quemadmodum respondeatis : 15 ego enim dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestri. 16 Trademini autem a parentibus, et fratribus, et cognatis, et amicis, et morte afficient ex vobis : 17 et eritis odio omnibus propter nomen meum : 18 et capillus

> de capite vestro non peribit. [19] In patientia vestra possidebitis animas vestras.

Português: [9] E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estes cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. [10] Então lhes dizia: Levantar-se-ha nação contra nação, e reino contra reino. [11] E haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão cousas espantosas, e grandes sinaes do ceo. [12] Mas antes de tudo isto lançar-vos-hão elles as mãos, e perseguir-vos-hão entregando-vos ás synagogas, e aos carceres, levando-vos á presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu nome: [13] e isto vos será occasião de dardes testemunho. [14] Gravai pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder: [15] porque eu vos darei huma boca, e huma sabedoria, á qual não poderão resistir nem contradizer todos os vossos inimigos. [16] E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros: [17] e sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome: [18] entretanto não se perderá hum cabello da vossa cabeça. [19] Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

Meditação

Do martírio que cada um pode fazer em si mesmo

Primeiro ponto

Considera que a significação deste nome mártir é própria de todo cristão, embora vulgarmente se aplique àqueles que tiveram a glória de dar seu sangue por Cristo. Mártir não quer dizer outra coisa que testemunha; e aquele que nas obras dá testemunho da fé que professou no batismo, esse poderá chamar-se com propriedade mártir da fé e do Evangelho. Este testemunho é tão essencial e necessário à vida cristã que sem ele falta o que caracteriza nossa religião por santa e possuidora daquela sublime revelação que nos assegura contra todas as dúvidas. Sem o testemunho da fé nossas obras serão infrutuosas para a vida eterna; assim como a fé carecerá de sua preciosa vida quando não se tornar sensível seu movimento com as obras.

Mas será necessário, para dar a nosso Salvador um testemunho verdadeiro da fé que temos imóvel em nossas almas, padecer efetivamente aqueles horrorosos tormentos que tiraram a vida aos mártires? Infelizes os cristãos se só na época dos sanguinários imperadores e da perseguição da Igreja lhes tivesse sido dado manifestar a seu Deus o heroico de sua caridade! Tiranos temos dentro de nós mesmos, cujo vencimento nos dará o título de mártires ou testemunhas da fé de Jesus Cristo. A cruz deste Senhor é uma herança universal de que todos participamos como verdadeiros filhos seus. O que não a toma sobre os ombros e o segue não é digno de sua amizade nem de suas recompensas. Quem há que não sinta, como dizia o Apóstolo, uma lei em seus membros que contradiz a lei do espírito? Esses desejos de lograr quanto te sugere a ambição e a glória de que te admirem no mundo; esse ódio dissimulado e secreto que conservas a teu inimigo,

ainda depois de uma tíbia e superficial reconciliação que acredita diante de Deus a traição que lhe estás fazendo; essa propensão aos prazeres sensíveis, que tua condescendência pôs já no grau de irresistível; essa soberba, enfim, que em todas as tuas ações te aconselha antes a favor teu que a favor da lei, antes a preferir teus interesses que os interesses de Deus, que são senão uns tiranos que atormentam tua consciência, que aprisionam teu coração, que encarceram tua alma para que apostate de Deus e das obras de sua fé dando incenso aos ídolos de teus sentidos?

Assim é; pois vossa fé é a vitória com que se vence o mundo. A verdadeira fé sujeita e oprime os desejos para que não se dirijam senão aos objetos santos e permitidos. A verdadeira fé faz que apague a penitência com suas dores e sacrifícios até as mais leves relíquias de ódio ou de inimizade. A verdadeira fé te ensina que não tens aqui habitação permanente, mas que deves anelar pela futura e que, por conseguinte, deves negar-te aos prazeres sensíveis, fazer de teu interior e de teu espírito uma mística crucifixão para imitar os santos e pôr interdito a todas as tuas paixões e a todos os teus apetites para viver uma vida propriamente mortificada. E tudo isso forma em ti uma testemunha de Jesus Cristo ou um mártir de sua fé, com a só diferença de que os mártires passaram de um só trago toda a amargura do cálice, e que tu deverás esgotar suas fezes gota a gota enquanto te dure a vida. Foi nesta conformidade a que até agora tens vivido? Poderás dizer com verdade que tens dado um testemunho da fé e da religião com tuas inocentes obras? Esta só consideração exige todas as tuas reflexões e que tomes para o sucessivo as mais oportunas medidas.

Segundo ponto

Considera que o martírio é um sacrifício e que dificultosamente se poderá decidir se é mais doloroso o que se faz da vida ou o que se faz das luzes e do entendimento. Cada vez que se sacrifica à fé quanto sugere a razão natural, a experiência e a filosofia, padece nosso amor-próprio e nossa soberba um sangrento martírio, que a submissão à palavra de Deus e a humildade deverão tornar meritório. Mas, quando Deus fala, atrever-se-á a levantar a voz a vã e pueril sabedoria? Esta consideração, sendo sólida, causa nas almas muita paz e confiança; mas, ao mesmo tempo, diminui a repugnância que encontra a curiosidade em cativar suas débeis luzes em obséquio da fé.

Outro martírio causa na alma a submissão à alteza dos divinos conselhos em toda a série de sucessos que parecem ordenados unicamente por umas causas baixas e naturais. São poucos os que elevam sua vista às disposições da divina Providência. Contempla-o em ti mesmo. Vês acaso em teu inimigo outra coisa que o ódio com que busca com artes tua perdição? Vês em teus amigos mais que a má-fé e a perfídia com que te vendem e dão ao traste com todas as tuas esperanças? Tua sorte, tua situação, tua pobreza, os contrastes da fortuna são para ti outra coisa que efeito da injustiça, da falta de meios, da casualidade ou da iniquidade que tudo vende? E Deus? É acaso este Senhor na grande máquina do mundo como uma peça ociosa que não tenha conexão com seus movimentos? E a Providência divina? Não cuida de teus trabalhos, de tua pobreza? Não vê teus infortúnios? Não adverte a tempestade, o roubo, o homicídio muito antes que sucedam? Pois como não contas com este Deus e com esta Providência em teus sucessos?

Consiste em que te falta submissão, em que estás muito fixado no terreno, em que teus pensamentos seguem as pegadas de tua fé e que esta, sendo uma fé morta, não se acostumou a domar as impressões dos sentidos. Não te fazes padecer a ti mesmo uma contínua violência em tuas apreensões, e assim careces do mérito que te correspondia por este gênero de mortificação e de martírio. Ó Deus meu, vossa fé é uma luz soberana que ilumina meu entendimento; vossa graça é uma ilustração que esclarece meu entendimento e inflama minha vontade! Dai-me, Senhor, graça e aumentai em minha alma os efeitos de uma fé verdadeira.

Jaculatórias

> *Deus, docuisti me a juventute mea: et usque nunc pronuntiabo mirabilia tua.* Sl 70.

Desde minha juventude, ó Deus meu, tendes sido meu doutor e meu mestre, e assim eu não deixarei jamais de publicar vossas portentosas maravilhas.

> *In hoc laboramus, et maledicimur, quia speramus in Deum vivum, qui est salvator omnium hominum, maxime fidelium.* 1 Tm 4.

Padecemos trabalhos e perseguições e somos maldizidos porque temos nossa esperança em vós, Deus nosso, que sois o salvador de todos, principalmente dos fiéis.

Propósitos

1. Toda alma fiel está desposada com um esposo de sangue: o que quer dizer que todo cristão deve imitar a Jesus Cristo, com quem a alma se desposou no batismo, recebendo sua fé por prenda de seu amor e obrigando-se a dar testemunho dela segundo sua possibilidade. Se o modo com que os mártires cumpriram esta precisa obrigação foi nada menos que o sofrimento de uma morte, e uma morte atrocíssima, que no horroroso equivalia a muitas, com que cara poderão os demais cristãos escusar-se de umas ligeiras mortificações que podem antes ter o lugar e conceito de satisfação à divindade ofendida que o de sacrifícios feitos por seu amor? Que razão poderão alegar para eximir-se destes testemunhos de nossa fé tantos homens submergidos nos tráficos do mundo e tantas mulheres rodeadas a todas as horas e por todas as partes de delícias?

2. Sem a fé é impossível agradar a Deus, e sem as obras da fé lograr o conceito de verdadeiro cristão. Os mártires desempenharam este conceito derramando seu sangue e olhando seus membros destroçados por Jesus Cristo. Deste modo pensaram que se podia subir aos céus, e deste

modo cumpriram as obrigações que impõe a fé aos verdadeiros cristãos. Que diferença de teu modo de pensar ao destes esforçados soldados de Jesus Cristo! E se não, atende a toda a série de tua vida, porque tua eleição toda é um tecido de delícias. Mal tens mais dissabor nem mais trabalho que o que te produz o empenho de desfrutar todas as diversões. Os nomes de mortificação e de penitência são para ti nomes exóticos e forasteiros, e só têm significação para causar-te horror e susto.

Mas pensas que tua sorte será privilegiada com respeito à dos santos? Julgas acaso que no tribunal de Deus haverá as exceções com que o mundo distingue ricos e pobres, infelizes e poderosos? Persuades-te de que Deus transtornará para ti suas leis, seus decretos, sua providência, seu Evangelho e sua justiça? Que necedade tão execrável! Volta a ti; o que não fizeste até agora, propõe executá-lo daqui em diante. Busca um sábio diretor de tua alma; aprende dele tuas obrigações e a maneira de executá-las; põe-te em suas mãos e procura no sucessivo dar testemunho de Jesus Cristo na santidade de tuas obras.

[^1]: 1 Cor 2. [^2]: Mt 19. [^3]: Na época dos romanos; agora é capital do reino do mesmo nome. [^4]: 2 Cor 5.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:35 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:35 by Admin